



Programa de Educação Tutorial PET MEC

**Reitor da Universidade Federal de Pernambuco**

Alfredo Macedo Gomes

**Vice-reitor**

Moacyr Cunha de Araújo Filho

**Pró-reitora para Assuntos Acadêmicos**

Magna do Carmo Silva

**Diretor do Centro Acadêmico do Agreste**

Manoel Guedes Alcoforado Neto

**Vice-diretor**

Gilson Lima da Silva

**Coordenadora da Pós-Graduação em Educação Contemporânea PPGEDuc do Centro Acadêmico do Agreste**

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles

**Tutora do Programa de Educação Tutorial – PET Infoinclusão**

Michele Mara de Araújo Espíndula

**Editores Responsáveis da Revista**

Anna Rita Sartore  
Janssen Felipe da Silva  
Michele Guerreiro Ferreira  
Michele Mara de Araújo Espíndula  
Saulo Ferreira Feitosa

**Projeto Gráfico**

Amanda Rodrigues da Cunha  
Millena Maria Cintra Gomes

**Tradução**

Anna Rita Sartore  
Emanuelle de Souza Barbosa

**Revisadores da Edição**

Amanda Rodrigues da Cunha  
Ana Carolina de Souza Silva  
Anderson Fernandes Silva de Albuquerque  
Ana Karla do Nascimento Silva  
Karine Cavalcante da Silva  
Millena Maria Cintra Gomes  
Nestor Henrique Torres Bezerra da Silva  
Raiane Maria da Conceição Silva

**Design Gráfico**

Amanda Rodrigues da Cunha  
Erivaldo Pereira Alvez Júnior  
Guilherme Campos Vieceli  
Haillyder Artiris Ferreira da Silva  
Iasmin Silva Tabosa  
Maria Iris de Lima Santos  
Millena Maria Cintra Gomes  
Sávio Ramon Santiago Paulino

**Capa**

Maria Iris de Lima Santos

## Conselho Editorial

Adrián Scribano (CIES-ARG)  
Ana Maria Pereira Aires (UFRN)  
Claudemir Belintane (USP)  
Claudilene Silva (UNILAB)  
Dalila Andrade Oliveira (UFMG)  
Débora Maria do Nascimento (UERN)  
Denise Xavier Torres (UFCG)  
Edlamar Oliveira dos Santos (IFPE)  
Eliene Amorim (FAFIRE)  
Estevão Rafael Fernandes (UNIR)  
Faustino Teatino Cavalcante Neto (UFCG)  
José Batista Neto (UFPE)  
Lorena Lima de Moraes (UFRPE)  
Luiz Fernandes Dourado (UFG)  
Márcia Angela da Silva Aguiar (UFPE)  
Marcia Maria Gurgel Ribeiro (UFRN)  
Maria de Fátima Garcia (UFRN)  
Maria do Socorro Silva (UFCG)  
Maria Eliete Santiago (UFPE)  
Maria Luiza Sussekind (UNIRIO)  
Maria Margarate S. de C. Braga (UECE)  
Maria Veronica Filardo Garcia (UFRN)  
Nadège Mézié (UNIVERSITÉ PARIS DESCARTES)  
Patrícia Ignásio (FURG)  
Paula Santana (UFPE)  
Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar)  
Rita de Cassia Cavalcanti Porto (UFPB)  
Sheila Oliveira Lima (UEL)  
Tatiane Rodrigues Cosentino (UFSCar)  
Wallace Ferreira de Souza (UFCG)

# Educação e Contemporaneidade: Demandas e Desafios

*SARTORE, Anna Rita<sup>1</sup>*  
*SILVA, Janssen Felipe da<sup>2</sup>*  
*FERREIRA, Michele Guerreiro<sup>3</sup>*  
*LIMA, Michele Mara de Araújo Espíndula<sup>4</sup>*  
*FEITOSA, Saulo Ferreira<sup>5</sup>*

Na contemporaneidade, quais são as demandas e os desafios para a Educação? Não é de hoje que essa questão nos instiga. Se pararmos para observar, vamos nos deparar com inúmeras produções acadêmicas, culturais, políticas, etc., sobre Educação e Contemporaneidade. Mas ainda assim, nos propomos a também nos colocar nesse debate especialmente nessa edição que fecha o ano de 2021.

Nesses dois anos, convivendo com a pandemia de Covid-19, muitas das certezas que nutríamos foram solenemente desbancadas de seus pedestais, nos desafiando a buscar outras formas de estar no mundo, uma vez que o que era considerado “normal” nos trouxe até essa grande crise sanitária que revelou outras profundas crises: sociais, ambientais, políticas, históricas e, obviamente, educacionais.

O fosso das desigualdades sociais (classe, raça, gênero, para citar apenas alguns elementos primordiais dos fatores que corroboram com a produção dessas desigualdades) ficou ainda mais largo e profundo, trazendo para nós do campo da Educação questionamentos que ultrapassam os limites da academia ou da escola. Por exemplo, falar sobre inclusão digital há cinco era uma coisa, hoje, representa algo totalmente diferente, porque o acesso à educação durante a pandemia passou a depender majoritariamente de equipamentos e acesso às redes para comunicação entre professoras(es) e estudantes.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Caruaru, Pernambuco, Brasil. Email: [ufpesartore@gmail.com](mailto:ufpesartore@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3688-6590>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Caruaru, Pernambuco, Brasil. Email: [janssenfelipe@hotmail.com](mailto:janssenfelipe@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8113-3478>.

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Mamanguape, Paraíba, Brasil. E-mail: [mguerreirof@hotmail.com](mailto:mguerreirof@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7394-1149>

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Caruaru, Pernambuco, Brasil. Email: [michele.espindula@gmail.com](mailto:michele.espindula@gmail.com). Orcid: 0000-0002-1593-1102.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Caruaru, Pernambuco, Brasil. Email: [saulo.ffeitosa@ufpe.br](mailto:saulo.ffeitosa@ufpe.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6360-0212>.

No ano em que se celebra o centenário de Paulo Freire nos vemos obrigadas(os) a não apenas não “lavarmos as mãos”, mas também a nos comprometer com a busca por soluções para dirimir os efeitos gerados pelas injustiças e desigualdades sociais, uma vez que nosso direito de existir e dizer quem somos, diferentes em nossas especificidades (empobrecidas(os), mulheres, negras(os), indígenas, população LGBTQIA+, povos do campo, pessoas com deficiência, etc.) passa por uma luta cotidiana. E como nos ensinou Freire: “é preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue”. (FREIRE, 2005, p. 91).

É nessa perspectiva que apresentamos a você leitora(or) da Revista *Interritórios* importantes contribuições para o debate sobre as demandas e os desafios da Educação na Contemporaneidade.

Começamos com o artigo que se insere no rol de homenagens ao centenário de Paulo Freire, trazendo importantes referências a partir do pensamento freireano para uma educação de engajamento. José Alan da Silva Pereira em seu artigo **“A Contribuição de Freire para uma Educação de engajamento”** nos apresenta um texto com alto potencial filosófico, mas acima de tudo, praxiológico, afirmando que “as solicitações dos acontecimentos externos que se transformam em eco e um possível interesse pela transformação da realidade se delinea em cada ser, por meio dos apelos insistentes do caráter educacional. Por isso ser tão importante a colaboração e a contribuição da educação como sensibilização para os fatos por meio da conscientização, da autonomia, da liberdade”.

Em seguida, Luiz Carlos Barbosa de Sá, nos brinda com experiências emancipatórias da educação escolar indígena na América Latina em seu artigo intitulado **“A interculturalidade crítica Pipipã em diálogo com a escola Ayllu”**, no qual nos apresenta outros horizontes epistemológicos para além dos conhecimentos hegemônicos produzidos no âmbito da colonialidade pelo eurocentrismo. Para tanto, coloca em diálogo as experiências educacionais do povo Pipipã, do sertão pernambucano do Brasil, com as experiências da escola *Ayllu* da Bolívia, transgredindo os limites temporais e geográficos para evidenciar que “cabe a educação intercultural legitimar as especificidades de grupos ou nações subalternizadas numa relação de poder da subalternidade com o colonizador”.

A presente edição conta ainda com quatro artigos que abordam temas que passaram a ocupar importante espaço no debate sobre educação, especialmente dentro do contexto (pós)pandêmico. O primeiro artigo intitulado **“Metodologias ativas e o Ensino de Ciências Biológicas na educação básica: um mapeamento”**, de autoria de Carla Carvalho de Aguiar, Maria Beatriz da Silva Rocha e Gabriel de Oliveira Soares, apresenta um importante mapeamento de como as metodologias ativas têm sido utilizadas por

professoras(es) no Brasil no ensino de Ciências e Biologia na educação básica entre os anos de 2015 e 2020. O estudo destacou que no contexto das metodologias ativas no Ensino Médio se sobressai a temática ecologia, mas se destaca também o Ensino Híbrido e a Aprendizagem Baseada em Problemas. O artigo propõe auxiliar no planejamento e repensar a atuação docente na área com vistas a qualificar a aprendizagem dos estudantes.

Em seguida, apresentamos o artigo “**Análise de recursos digitais: ensino remoto de Português e Matemática**”, de autoria de Nayara Stefanie Mandarino Silva, Renaura Matos de Souza e Dandara Lorryne do Nascimento, nos apresentam suas avaliações sobre aplicativos/softwarees que passaram a ser usados como ferramenta tecnológicas em aulas de Português e Matemática no ensino remoto. A partir de uma contextualização sobre o ensino remoto emergencial devido à crise sanitária de Covid-19 que estamos ainda atravessando, as autoras desenvolveram uma pesquisa na qual elaboraram importantes critérios para avaliação de *softwares* para uso nas aulas de Português e Matemática no ensino remoto. Os dados da pesquisa, segundo as autoras “contribuem para um incentivo e aproximação das tecnologias digitais nas aulas de Português e Matemática, fornecendo subsídios para o planejamento pedagógico”.

Logo após, temos: “**Autismo & Quadrinhos: possibilidades de aprendizagem e inclusão**” vai denunciar a necessidade de a sociedade superar o capacitismo estrutural, assim, Ana Cristina de Souza Pires Dias, Alíson Oliveira da Silva e Joice Stella de Melo Rocha nos apresentam a potencialidade pedagógica e inclusiva das histórias em quadrinhos para com os educandos autistas sob a perspectiva do Modelo Social da Deficiência e da Neurodiversidade. Além de apresentar uma excelente contextualização histórica sobre deficiência e a luta das pessoas com deficiência no Brasil nos traz dados de uma pesquisa que revela o potencial do trabalho com quadrinhos tanto para o aprendizado como para a inclusão de educandos autistas. Apesar dos avanços históricos e legais, as autoras e o autor fazem a ressalva que “enquanto sociedade e enquanto seres humanos, temos ainda que ultrapassar as preconceções sobre deficiência e sobre normalidade para podermos começar a construir um mundo verdadeiramente inclusivo”.

Ainda nesse contexto temos “**Metodologias ativas aplicadas à cursos de capacitação**” de Renato Somberg Pfeffer, que discute o conceito de metodologias ativas educacionais, traçando a relação e, ao mesmo tempo, a distinção entre elas e as tecnologias digitais. O artigo também apresenta os pressupostos de algumas metodologias ativas com foco na aprendizagem, o papel dos docentes e discentes e suas estratégias. Também são apresentadas técnicas de metodologias ativas aplicáveis aos cursos de capacitação da instituição formadora analisada. Segundo o autor, “A manutenção de modelos básicos de ensino-aprendizagem, tanto no presencial como no ensino à

distância, é a praxe na maioria das instituições de ensino. A superação de um modelo conteudista exige uma ação integrada e flexível por parte de todos os envolvidos, sejam eles gestores, coordenadores de curso, professores e alunos. Inexistem modelos consolidados de sucesso que possam nortear esses avanços acadêmicos que a sociedade vem exigindo”.

Para contribuir com a abrangência do debate sobre as demandas e os desafios para a Educação na contemporaneidade, o artigo intitulado **“Constelação familiar, sexismo e LGBTfobia: Estigmas, trajetórias e identidade de gênero”**, de autoria de Alexander de Abreu Lepletier e Aldo Pacheco Ferreira, nos ajuda a compreender a LGBTfobia por meio da análise crítica das evidências do machismo e sexismo, sob a ótica da constelação familiar, com o intuito de visibilizar os desafios que se apresentam a estigmas, trajetórias e à identidade de gênero, como forma de alicerçar a aceitabilidade às orientações sexuais de cada ser. A questão orientadora do referido estudo foi: “A Constelação Familiar explica na família biológica a origem das desordens, doenças, desequilíbrios e repetições de padrões comportamentais e relacionais danosos que se manifestam ao longo da vida das pessoas?”.

Por fim, Raphael Alberti Nóbrega de Oliveira, desvela a repercussão na imprensa das ações da organização paramilitar de extrema-direita “Ordem Secreta dos Primadistas”, sediada no Rio Grande do Sul nos anos 1960, no artigo intitulado: **“A águia bicéfala: discursos e práticas da Ordem Secreta dos Primadistas, a ‘Ku Klux Klan gaúcha’”**, o autor nos apresenta um robusto levantamento histórico, analisando um movimento com sedes em algumas cidades do país que se denominavam “Ku Klux Klan” e que atuavam como órgãos paramilitares anticomunistas que agiam pela derrubada do presidente João Goulart. A discussão proposta abre caminho para outras pesquisas que possam aprofundar as conexões entre “os integrantes subalternos das “Ku Klux Klan” e membros atuantes no golpe militar de 1964, poderá revelar a participação de componentes importantes da política, das Forças Armadas e das polícias como articuladores desses ataques”.

Convidamos você a participar conosco desse debate. Boa leitura!